

Tapando o sol com a peneira

J.O. de Meira Penna

Há uns 120 anos, nosso velho e querido Eça de Queiroz mandava as seguintes "Farpas" que, ainda, bem se aplicam a nossas coisas: "Toda a nação vive do Estado. Logo, desde os primeiros exames no liceu, a mocidade vê nele o seu repouso e a garantia do seu futuro... uma multidão desocupada que quer viver à custa do Estado. A vida militar não é uma carreira: é uma ociosidade organizada por conta do Estado. Os proprietários procuram viver à custa do Estado... A própria indústria faz-se protecionar pelo Estado e trabalha sobretudo em vista do Estado. A Imprensa até certo ponto vive também do Estado. O Estado é a esperança das famílias pobres e das casas arruinadas. Ora, como o Estado pobre paga pobemente e ninguém se pode libertar da sua tutela para ir para a indústria ou para o comércio, esta situação perpetua-se de pais a filhos como uma fatalidade". A fatalidade de que falava o Eça é cultural. Mas quem sabe se a podridão que empesta nosso ambiente político não se explica pelo fatal apodrecimento do Estado? Em Portugal, pelo menos, há sinais alvissareiros de modernização, o que deveria ser imitado por sua ex-colônia.

Entre nós o sintoma predominante do mal é a inflação. O sr. Armínio Fraga Neto, atual diretor da área externa do BC, é um dos mais capazes e criativos da equipe de profissionais que estão gerindo nossa economia. Oxalá permaneçam em seus postos, enfrentando a tormenta! Pelo menos, é assim que pensa Roberto Campos. E a prova está nos artigos que Fraga escreveu de 1985 a 1988, publicados no **Jornal do Brasil** e na **Folha de S.Paulo**. O jovem doutor pela Universidade de Princeton, nos EUA, demonstra que, em matéria de economia, pouco mais se precisa do que de conhecimentos técnicos embasados em bom senso. Não à toa Aristóteles colocava a economia (literalmente, "administração do lar" em grego) sob a epígrafe da virtude de prudência. Sob as ordens de Marcílio Marques Moreira e Francisco Gros, Armínio Fraga vai prudentemente tentando manter nosso crédito externo e colaborar no combate à inflação, muito consciente embora dos maus estruturais que enfrenta.

Quando, em 1985, ele acentuou que negar a origem da estagflação no déficit público é como tentar tapar o sol com peneira, ele argumentava: "A retórica pseudoprogressista que prega que os cortes (nos gastos) geram desemprego peca por sua visão imediatista. Nos gastos ineficientes do governo estão as raízes da estagnação produtiva e da crise externa. A verdadeira posição progressista não mais defende uma política keynesiana de curto prazo mas, sim, a reorientação da economia para um modelo de crescimento sustentável".

Continuamos, de fato, a pagar um preço invulgar pelo crescimento monstruoso do Estado no período Geisel, e pelo desgoverno das três presidências seguintes. O Plano Cruzado, escreveu Ar-

mínio (no JB de 1/4/87), "nos deixou de herança uma elevada taxa de inflação, uma precária situação externa e a perspectiva de um período de estagnação pela frente". Quem é hoje, no PMDB e PFL, que reconhece a responsabilidade da funesta dupla Sarney-Funaro? "A total instabilidade das regras do jogo econômico fez também com que a única mola do crescimento — o investimento — se retrisse, comprometendo o futuro do País." Hoje, a Espanha já nos passou na frente e, em breve, a Índia e o México de Salinas também o farão.

Com um serviço público pantagruelicamente inchado, ineficiente e corrupto, consome o Estado uma parcela desproporcional do que produz o setor privado, retribuindo à sociedade com serviços péssimos. As estradas estão esburacadas; os portos, os mais caros do mundo; as ferrovias, em petição de miséria; os telefones, sobrecarregados; a Seguridade, consumindo 2/3 de seu orçamento em pessoal e fraudes; o déficit energético, em crescimento; as obras públicas, paradas; o desperdício, escandaloso. Não obstante, crescem os salários do legislativos e judiciários, puxando a pressão isonômica. Milhões de funcionários incompetentes e ociosos se amontoam nas estatais e nas administrações dos Estados e municípios mais atrasados. O Itamaraty mantém embaixadas em lugares perdidos deste vasto planeta para dar emprego a embaixadores supernumerários, enquanto seu terceiro-mundismo já custou ao Brasil US\$ 8 bilhões em empréstimos a países comunistas falidos. O Exército recusa-se a reduzir seus efetivos e permanece na ociosidade urbana, obcecado com a Amazônia. A Marinha teima em construir seu submarinhozinho atômico. A Aeronáutica insiste em fabricar o AM-X para os italianos e os Ministérios da Educação e Saúde abordam os respectivos problemas, da maior seriedade, com soluções retórico-arquitetônicas.

A equipe do ministro da Economia não o declara, mas lhe sugiro um tratamento de choque heterodoxo, semelhante ao que foi praticado na Bolívia pelo presidente Paz Estensoro: o congelamento dos salários de todo o funcionalismo das estatais e da União, Estados e municípios nos três Poderes. Aposto que a inflação cairia em três meses! Foi também assim que Israel se livrou da praga em 1985.

Taxar o setor privado apenas reduz a produtividade do único setor que produz. Não existe outra maneira de eliminar o déficit senão pela contenção de gastos (de pessoal). É uma receita de bom senso e prudência, mas o paquiderme grotescamente asnático que é o Estado brasileiro, em delinquescência acelerada, só assim poderia ser atingido, para nosso alívio. Não custa nada sonhar, na hora do pesadelo...